

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES (CCHLA)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM
(PPGEL)
DEPARTAMENTO DE LETRAS

**IDENTIDADE DO LEITOR DE LITERATURA SERIADA,
MEMBRO DE COMUNIDADE: UMA CONSTRUÇÃO
IDENTITÁRIA SEM FRONTEIRAS?**

ROSÂNGELA FRANÇA DE MELO

Orientador ^a: Profa. Dra. Maria da Penha C. Alves

NATAL – RN

2017

Resumo

O incentivo à leitura dos textos literários no ambiente escolar revela uma predisposta acolhida, por parte dessa comunidade, à recorrente ideia de que o ato de ler pode convidar ao ato de escrever. Não obstante, determinados “movimentos de corpos consumidores de histórias” ainda parecem não corresponder às expectativas das práticas usuais e diversificadas (utilizadas para o convencimento de futuros leitores) e se estabelecem em comunidades quase invisíveis a olho nu, constituindo-se em identidade, supostamente, não institucionalizada, não oficial, não escolar de leitores. Perceber esse burburinho fantasmagórico instalado em “quartos fechados” nas redes sociais, blogs, fanfictions ou saletas de livrarias possibilita enxergar um pouco mais de perto esses grupos os quais devotam horas à conquista de páginas às centenas de sagas literárias como Jogos Vorazes, Os Instrumentos Mortais e Percy Jackson. Nesta discussão primeira, tenta-se investigar possíveis identidades culturais, tomando como base a linguagem e aspectos comportamentais adquiridos a partir das experiências de leituras das quais se apropriaram esses sujeitos; também, os fatores históricos, e/ou sociais que, no decorrer do tempo, desenharam esse construto fronteiriço redefinido. A proposta é levantar, sistematizar, discutir dados a respeito da rotina do leitor, também do aparato social que o cerca e que ele aponta como determinante para sua condição de apreciador dessas sagas. O presente trabalho visa expor essa discussão, à luz das teorias de Bakhtin (1998, 2003) que considerou a linguagem como um constante processo de interação mediado pelo diálogo. À percepção do enunciado bakhtiniano, concreto, marcado por vozes, reuniu-se o conceito, de Hall (2005), das identidades modernas “descentradas, ou fragmentadas”, “constituídas historicamente, não biologicamente”. Tais orientações teórico-metodológicas possibilitam entender as comunidades de leitores como espaços construídos, conforme desejos/saberes/experiências de seus participantes.

Palavras-chave: Identidade, comunidade, leitores, sagas.

Abstract

Encouragement to read literary texts in the school environment reveals a predisposition accepted by the community to the recurrent idea that the act of reading can invite the act of writing. Nonetheless, certain "body movements of story-telling bodies" still do not meet the expectations of the usual and diversified practices (used to convince future readers) and establish themselves in communities almost invisible to the naked eye, constituting themselves in identity, supposedly, Non-institutionalized, unofficial, non-school readership. Perceiving this ghostly buzz in "closed quarters" on social networks, blogs, fanfictions, or bookstores makes it possible to see these groups a little more closely, devoting hours to page-picking hundreds of literary sagas such as Hunger Games, And Percy Jackson. In this first discussion, we try to investigate possible cultural identities, based on the language and behavioral aspects acquired from the experiences of readings from which these subjects were appropriated; As well as the historical and / or social factors that, in the course of time, have drawn this redefined frontier construct. The proposal is to raise, to systematize, to discuss data about the routine of the reader, also of the social apparatus that surrounds him and which he points out as determinant for his condition of connoisseur of these sagas. This paper aims to expose this discussion, in the light of the theories of Bakhtin (1998, 2003), who considered language as a constant process of interaction mediated by dialogue. To the perception of the Bakhtinian, concrete, voiced statement, Hall's (2005) concept of modern identities "decentered, or fragmented", "historically constituted, not biologically." Such theoretical and methodological orientations allow the understanding of the communities of readers as constructed spaces, according to the desires / knowledge / experiences of their participants.

Keywords: Identity, community, readers, sagas.

SUMÁRIO

1. **Jogos de leitores vorazes**
2. **Casa de ferreiro.....**
3. **BIBLIOGRAFIA.....**

JOGOS DE LEITORES VORAZES

ROSÂNGELA FRANÇA DE MELO

Minha mãe comprava livros pela capa, influenciada pelo nocivo colorido, que driblava sua própria censura, um tipo de “apropriação penal dos discursos”¹. Dessa forma, escapou, para minhas mãos, um D. H. Lawrence, *A Virgem e o Cigano*, capa maravilhosa, de desenho tão simples quanto sedutor: o contorno das faces. E minha imaginação ganhou o mundo ao aliar-se à literatura posta sob meus cuidados, ainda que meus inexpressíveis doze anos pouco entendessem da angustiante e deliciosa descoberta da sexualidade de Yvette ao conhecer quem, anos depois, durante nova leitura, viria a ser “nosso cigano”.

(Rosângela França de Melo)

Não desejo imaginar um mundo civilizado sem a figura da ‘criatura livro’ nas mãos do desavisado (permitam-me, até desarmado) leitor, embora, com o esforço devido, possa fazê-lo. Outrossim, não me permito enxergar um futuro no qual as narrativas de ficção não existam. Apaixonadamente, prefiro desenhar oníricos encontros entre o esperançoso leitor e os romances, os contos, as crônicas, os poemas, as peças e seus ‘pares literários’. Certamente, porque o letramento literário promove relações com os ambientes e os elementos que os constituem; também, com os elementos e os ambientes constituintes desses, que fazem amadurecer a percepção de mundo do estreito leitor.

Porque é assim que somos, os ‘sedentos leitores’: apropriamo-nos do ‘ser livro’, bem como vivenciamos as tramas, e nos entregamos aos conflitos das personagens, como se a literatura decodificasse o mundo, tornando-o compreensível, transformando a sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas, como disse Cosson². Porque assim também são, os da geração atual, que

¹Foucault in Chartier, 2009 [1945]

²Cosson, Souza, Letramento Literário: uma proposta para a sala de aula;
<http://www.acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40143/1/01d16t08.pdf>

devoram incansavelmente narrativas seriadas, comumente nomeadas por sagas, enquanto passam despercebidos em comunidades igualmente desprestigiadas e não legitimadas pelos “censores” contemporâneos.

É dessa matéria-prima para outras práticas de escrita (que não a literária) da qual trato, a relação intrínseca entre o objeto e seu manipulador, o texto literário e aquele que o lê, independente das escolhas feitas por este; do quanto a escola não se “aproveita” desse enlace; da insistência em gerenciar todo letramento literário disponível, como se não admitisse o que está além dos muros do livro didático e do currículo polido; do não saber a respeito dos jogos estabelecidos entre a criação do autor e a imaginação do que se apropria da obra. Mais especificamente, questiono máximas que acompanham o ato de ler desde a cultura do manuscrito até a cultura do impresso e, atualmente, a digital. Algumas bem contundentes esbravejam sobre a incapacidade adolescente de escolher bem um texto literário, ou da inércia desses jovens diante da criatura livro, ou das indecifráveis certezas, inconcebíveis certezas as quais chegam, quando, por fim, decidem ler.

E eu perguntaria quão inertes ainda estaremos diante da profusão humana que corre às livrarias, sebos e bibliotecas em busca do que possa saciar, por exemplo, sua sede de aventuras? Os mesmos humanos que sentam em nossos bancos escolares, fardados e enfileirados, que tentam, muitas vezes em vão, relacionar seus escolhidos com o cânon apresentado.

Não seria — a escola — local apropriado para que as comunidades dos novos leitores se reorganizassem, além dos quatinhos virtuais, das saletas fechadas em livrarias, dos cantos mais inusitados espalhados pela armação que a arquitetura urbana permite? Experimentar o diálogo entre o universo literário já conhecido pelo jovem estudante e o que consta na pauta escolar das disciplinas de literatura também não subsidiaria práticas de escrita, para possíveis publicações escolares, por exemplo? Vejamos...

Reconhecidamente, o estudo literário vai ao encontro dos desejos nobres por uma nação leitora, pois ajuda a difundir, em camadas sociais, nas quais se instale, uma possível certeza de que o ato de ler promove um caminho de acesso ao saber social, artístico, cultural. Apoderar-se da leitura dá ao falante da língua certo domínio sobre determinadas ações relacionadas à escrita, concorrendo também, para uma prática de escritura contínua. Essa aquisição verbal escrita é preocupação constante para nós

professores de língua materna, segurados desbravadores, os quais, flagrados diante do conhecimento de novas práticas, a citar análogas, as postagens em “fanfictions”, parecemos não ter bússola, ou mapa que nos oriente. Não menos preocupante, as atividades relacionadas à leitura demandam tempo e esforços para que os hábitos a elas relacionadas sejam mais constantes. Para tanto, a construção do diálogo entre professor e aluno seria melhor promovido se, talvez, fosse estabelecido entre leitor e leitor.

Partindo desse pressuposto, as ações pedagógicas podem construir maiores laços com a leitura, estabelecendo vínculos com o leitor, quer para atender à prática da escrita formal, quer para estimular a construção do raciocínio, ou, ainda suscitar o prazer, a diversão através dos inúmeros contextos apresentados, isso é certo. Assim, a apropriação, o desenvolvimento ou aprofundamento da ação de ler pede novas perspectivas de funcionamento, exigindo de nós, profissionais da educação, que nos dispomos a construí-la, contínua avaliação metodológica, além da sistematização, através da construção e execução de projetos de letramento, como prática viável, a qual concebe a heterogeneidade como princípio norteador, por meio do qual os alunos não podem ser tomados como iguais aos demais, ou ao professor. Parafraseando Kleiman³ (2007), fundamental é valorizar o singular na hora em que o aluno questiona a leitura obrigatória dos clássicos, demonstrando, entre outros, que tem conhecimentos legítimos a respeito do objeto literário.

Somente uma escola aberta, concebe um trabalho com projetos e se propõe a desenvolvê-los com coerência. Essa abertura permite que se respire mudança, emancipação e autonomia, tríade ressaltada por Oliveira, Tinoco e Santos (2014), em oposição à escola descrita como um “espaço fechado preocupado exclusivamente com a homogeneização do indivíduo e das práticas sociais”. E, qualquer semelhança com o exercício da cidadania, decididamente, não se trata de mera coincidência. Mesmo porque, ainda segundo essas estudiosas, no trabalho com projetos de letramento, o aluno busca respostas para um problema real por meio do qual ele assume um plano significativo no processo educativo.

Nesse sentido, estimular a criação, nas escolas, comunidades de leitores abre verdadeiras picadas, as quais direcionam para uma saída verdadeiramente associada à uma concepção dialógica de

3 Projeto temático Letramento do Professor (Kleiman, 2007)

linguagem propiciadora de um constante processo de interação mediado pelo diálogo, “que tem como princípio constitutivo o dialogismo, modo de funcionamento real dessa”⁴, por meio da qual o conhecimento do aluno, construído no universo, pelo qual ele se permitiu cercar, seja também contemplado. E essa nem seria uma prática tão nova assim.

Vale salientar, por exemplo, que as três últimas décadas do Século XX conheceram comportadas comunidades que se revelavam em clubes do livro, ou pequenos grupos escolares idealizadores de “fanzines”, enquanto o novo milênio acompanhou o processo evolutivo que viu nascer verdadeiras corporações em torno do culto aos novos escritores e suas rentáveis obras. Cabe, portanto ao professor, nessa escola que se propõe à abertura, reconhecer o conhecimento de mundo do aluno; cabe ao professor “tornar visível o invisível”.

Reconheçamos, portanto, que esse viveiro pode gestar atividades de leitura nas quais unam o processo dialógico entre gêneros literários e os demais, que possibilitem essa interação, “redescobrimo” suportes midiáticos, por meio dos quais essa mesma comunidade possa nutrir, bem como nutrir-se dos construtos artísticos, ideológicos e sociais provenientes das ações. Dessa forma, reunir os conhecedores da literatura canônica e seriada (sagas) como membros de uma comunidade (contemporânea) de leitores a fim de construir um referencial na comunidade escolar seria mais produtivo do que observar a morte lenta do ato de ler (e todas as implicações nele contidas) onde, no inconsciente coletivo social, deveria ser nascedouro certo: na escola!

CASA DE FERREIRO

4 Brait, 2014, p.167

*Atrás de portas fechadas,
à luz de velas acesas,
uns sugerem, uns recusam,
uns ouvem, uns aconselham.*

(Romanceiro da Inconfidência – Cecília Meireles)

Perguntas de um operário letrado

Quem construiu Tebas, a das sete portas?
Nos livros vem o nome dos reis,
Mas foram os reis que transportaram as pedras?
Babilônia, tantas vezes destruída,
Quem outras tantas a reconstruiu? Em que casas
Da Lima Dourada moravam seus obreiros?
No dia em que ficou pronta a Muralha da China
para onde
Foram os seus pedreiros? A grande Roma
Está cheia de arcos de triunfo. Quem os ergueu? Sobre quem
Triunfaram os Césares? A tão cantada Bizâncio
Só tinha palácios
Para os seus habitantes? Até a legendária Atlântida
Na noite em que o mar a engoliu
(Bertolt Brecht)

A escola e suas portas! Consigo vê-las cumprindo funções distintas, em relação aos que as percebem neste mundo. (*Porque as portas podem ser, ironicamente, imperceptíveis.*) Quando aceitas como parte de uma estrutura segura, aparentemente não importa para onde apontem; fechadas, não oferecem risco. Embora existam ‘os’ que passem por essas portas e não vejam, imediatamente, os dois lados, prefiro pensar que ‘os’ sensíveis ao duplo espaço, antagônico, contrastante, bifurcado espaço são os incomodados, bem como os que incomodam. De qualquer forma, ambos são agentes em fronteiras que absorvem...

Mas essa multiplicação de oportunidades para hibridar-se não implica indeterminação, nem liberdade irrestrita. A hibridação ocorre em condições históricas e sociais específicas, em meio a sistemas de produção e consumo que às vezes operam como coações, segundo se estima na vida de muitos migrantes. Outra das entidades sociais que auspiciam, mas também condicionam a hibridação são as cidades.[...] (Canclini, 2006, p. 30)

Ainda assim, não perceber para onde apontam as passagens, tantas vezes implica em não assinar por suas ações e, na escola, especialmente por ser o lugar dos sujeitos que serão abordados neste ensaio, não considerar entradas e saídas pode resvalar em

consequências que ampliem o estado no qual os alunos fiquem calmos, sentados, enfileirados, cumpridores escrupulosamente do que lhes é ordenado. E assim, nossas escolas instituem passagens funcionais as quais, querem sempre nos fazer crer, inevitáveis. Quando encaixadas em endurecidas paredes: fechadas, sinalizam possibilidades, protegem os de fora; abertas, são convites ao ato.

As fronteiras rígidas estabelecidas pelos Estados modernos se tornaram porosas. Poucas culturas podem ser agora descritas como unidades estáveis, com limites precisos baseados na ocupação de um território delimitado. (Canclini, 2006, p. 30)

Impor-se à folha em branco determinou certa vitória, ainda que por mãos outras, sobre a inércia óssea instituída pela doença que desafiava seus movimentos, no tempo em que escreveu *Para uma Filosofia do Ato*. Há certos músculos paralisados também em instituições educacionais onde o conhecimento teórico — que, segundo os atos-ecos bakhtinianos, corresponde ao conhecimento e à arte produzidos sem levar em consideração o mundo da vida — impera. Tanta imobilidade traduz-se na destruição das funções interativas, até que alguns ícones começam a perder a habilidade de relacionar, ou relacionar-se, como a palavra, por exemplo, que deixa de ser ponte entre eu e o outro.

Basta observar determinados estudos de literatura, enclausurados, cujas portas servem senão para limitar, corrigir a “imperfeita” noção de que haveria um outro ambiente a ser visitado. As passagens lacradas impedem que professores e alunos compreendam e interpretem seus respectivos e humanos mundos, por não fazerem as relações que sugestivas portas abertas concordariam. Um abismo, clichê dos mais aclamados, é analogia suficiente para conceber o que acontece durante esse tipo de estudo, no qual as relações não são observadas. A *descoleção* dos patrimônios éticos e nacionais, assim como a *desterritorialização* e a *reconversão* de saberes e costumes foram examinados como recursos para hibridar-se. (Canclini, 2006, p. 30)

De um lado, o cânon tenta justificar seu espaço em mãos mecânicas; do outro, uma literatura seriada contemporânea acomoda as necessidades de um público leitor juvenil ansioso por hibridismos literários os quais incorporem ação, um romantismo deslocado, humor de específico entendimento, ou mesmo pontadas de reflexões filosóficas, dignas de arcaicos manuais, mas, ainda assim, dignas. Hibridismos os quais

redefinem fronteiras culturais, por breve espaço contínuo, pensadas como estabilizadas, quando os próprios “[...] mercados mundiais de bens materiais e dinheiro, mensagens e migrantes [...]” (Canclini) acentuaram ‘a interculturalidade moderna’, no que Canclini nomeou por ‘processos globalizadores’. Processos esses constituídos dentro do universo fronteiro cultural histórico, especialmente gerido por fatos e fatores sociais os quais imprimem nutrem a gestação incontida de suas necessidades híbridas mais vorazes. Não que isso implique em serem desordenadas e não controladas, como afirma Canclini, apenas, inevitáveis...

Destaco as fronteiras entre países e as grandes cidades como contextos que condicionam formatos, os estilos e as contradições específicos da hibridação. As fronteiras rígidas estabelecidas pelos Estados modernos se tornaram porosas. Poucas culturas podem ser agora descritas como unidades estáveis, com limites precisos baseados na ocupação de um território delimitado. Mas essa multiplicação de oportunidades para hibridar-se não implica indeterminação, nem liberdade irrestrita. A hibridação ocorre em condições históricas e sociais específicas, em meio a sistemas de produção e consumo que às vezes operam como coações, segundo se estima na vida de muitos migrantes. Outra das entidades sociais que auspiciam, mas também condicionam a hibridação são as cidades.[...] (Canclini, 2006, p. 30)

Também como portas e portões, as fronteiras o são. Imaginar as linhas divisórias constituídas pelas culturas é, relativamente, fácil, pois determinamos nossa maneira de agir e reagir: aos mandos, comandos; às regras, metas; ao enquadramento social esperado em qualquer grupo que se preste a viver em comum, dadas as necessidades de sobrevivência de muitos, em um mesmo espaço, passarem por um determinado conceito de ordem. Isso é fato! Vestimo-nos, reorganizamos nossa educação alimentar, asseguramos discursos, por exemplo, a partir das leituras que realizamos desse construto social que nos cerca. E como cercas parecem se manter, até movimentos os mais distintos removerem a terra sob essas estruturas e provarem a solidez dessas. E, um produto humano criado para seu deleite, embora tenha rompido essa primeira fronteira, contribui para o repensar de uma sociedade que antes se via segura sobre fundações inabaláveis: a literatura. Aparentemente, não há limite ideológico que resista às forças centrífugas provocadas pela ressurreição da criatividade humana em cada romance, poema, conto, peça...

Em tal condicionamento das categorias basilares da estilística a certos destinos históricos e tarefas do discurso ideológico reside a força dessas categorias e, simultaneamente, também as suas limitações. Estas foram geradas e formuladas pelas forças históricas atuais da formação verboideológica de certos grupos sociais, foram uma expressão teórica dessas forças ativas que criam a vida da linguagem. (p. 39)

Essas forças são as *forças da unificação e centralização do mundo verboideológico*.(p. 39)

Entre os compêndios e seus seguidores, um vazio silencioso, ainda que carregado de valores. Pudéssemos parar, alçados, no meio, acima do desfiladeiro, ouviríamos os julgamentos dos interlocutores no que já se tornara uma contenda. E as máximas ecoariam semelhantes, assim: “Esses alunos nada leem!”; “Ler os clássicos é muito chato, nada a ver com minha realidade.”. E o que é mais angustiante: ambos poderiam encontrar, no mundo da cultura alheia, o que procuram, se a esfera na qual se constroem as relações, lá onde o signo emerge, a construção de valores e da ética valorada se efetivam, fosse acionada.

A categoria da língua única é uma expressão teórica dos processos históricos da unificação e centralização linguística, uma expressão das ***forças centrípetas da língua***. A língua única não é dada, mas, no fundo, sempre indicada e em cada momento de sua vida opõe-se ao heterodiscurso real. Ao mesmo tempo, porém, é real enquanto força que supera esse heterodiscurso, que lhe impõe certos limites, que assegura certo maximum de compreensão mútua e se cristaliza na unidade real, embora relativa, da linguagem falada (do dia a dia) com a linguagem literária, com a “linguagem correta”. (p. 40)

As forças centrípetas da vida da língua, materializadas numa “língua única”, atuam no meio de um efetivo heterodiscurso. (p. 41)

Enxergariam, por exemplo, que determinados romances, constituintes das novas sagas dão nova roupagem ao escapismo romântico (tão cultuado no Século XIX, objeto de estudo nas salas de aula...) ao desfilar as problemáticas individualistas juvenis, apontando a ‘concretização de sonhos’, como “saída” para restabelecer o equilíbrio almejado. Tais quais, Edward e Bela vencem a morte em famosas e rentáveis páginas crepusculares, por meio da concretização de seu amor. A referida saga ainda revisita o duelo, por excelência, entre famílias; sim, contenda semelhante serve de pano de fundo para a obra quinto centenária, Romeu e Julieta. Senão por seu recorde — mais de cem milhões de exemplares vendidos desde sua publicação em 2005 (EUA), 2008 (BR) — pela curiosidade, que deveria mover um professor-leitor, esse poderia, ao menos, reconhecer a disposição desses leitores-juvenis para a leitura das centenas de páginas, por volume. Os fenômenos de vendas multiplicam-se em histórias que contam sobre pares abatidos por doenças fatais, triângulos vorazes e corajosos, munidos de sentimento e ideologias para saírem em defesa (Creiam!) de fracos e oprimidos.

Somente a saga do bruxo adolescente, Harry Potter, e seus companheiros de aventuras, em busca de, nada mais, nada menos do que a defesa deste mundo “contra as artes das trevas” espalhou por esse mesmo mundo-leitor mais de 400 milhões de exemplares. Sendo que, a seguidora maioria é composta pelo universo de devoradores literários jovens... Excepcionalmente, jovens! O que me faz indagar: Por que a escola perde a chance de se certificar que a porta dos estudos literários se voltam para, no mínimo, dois lados?

O mundo da vida ressalta a necessidade de pôr em prática as ideias... Aquelas dos sujeitos enfileirados, calmos, que sejam! Seria, então, um novo olhar para a filosofia do ato de nossa atividade, bakhtiniano em essência. Um olhar em duas direções opostas: “para a unidade objetiva de um domínio da cultura e para a unicidade irrepetível da vida realmente vivida e experimentada.” De tal sorte, Bakhtin transcreveu suas próprias ideias, quando não pode ser seu próprio escritor. Lê-las, interpretá-las, observá-las como consciência autora, a qual se distancia para então, dizer a quem as escrevia (sua esposa) qual forma, qual jeito, cor, textura, sentido feito dobradura teriam. Leitor de si mesmo, exigiu-se, ao discorrer a respeito dos atos éticos tão intensamente, axiologizados. E, se o ato exige a palavra, ato também é exercício de pensamento, os quais, na relação com o outro, constroem a esfera na qual o ser humano vive: o mundo da vida. Bakhtin fez-se Jano bifronte de suas ideias. Também os mastigadores leitores da nova literatura seriada o fazem, ou tentam, quando lhes é permitido em público, ainda que essa plateia sejam seus colegas de turma e um audacioso professor que se disponibiliza a reconstruir a ponte, aquela que fora destruída quando, em determinado momento, os valores constituintes do apreço literário desse novo leitor fora esquecido. E esse leitor-falante agora realiza-se em ato que é pensamento e conteúdo seus, de sua responsabilidade, carregado da materialização única que reflete e refrata seus conhecimentos acerca do objeto livro de sua estima: sua linguagem.

O que esses devoradores de personas literárias fazem senão construir representações dessas experiências saboreadas? Uma “desunidade construída na natureza das coisas”, insistia Bakhtin, para defender a ideia de que nosso poder de descrição não é limitado. A passos largos, esse aluno-leitor torna, essa desunidade construída, uma espécie de moeda de troca, com o uso da qual ele recebe do grande grupo o status de detentor do universo literário comum a todos os demais que dele

compartilham. Conhecer a obra de determinado autor, prová-la e provar-se nessa captura parece contar pontos em sua jornada identitária. Percebe-se, então, o nascimento de comunidades organizadas a partir do referencial literário, para fins que vão desde a discussão sobre o destino de destemidos semideuses até a simulação de uma luta com espadas forjadas no mais profundo poço flamejante da criatividade, como fazem os integrantes do CHB (Camp Half Blood), leitores-seguidores da saga Pearce Jackson, para citar uma das comunidades existentes na cidade. Grupos que, apesar da escola — leia-se: aquele estudo de literatura, que desconsidera o aluno-leitor, tratado há pouco neste ensaio — são incentivadores das ações de ler e escrever, alimentando-se das tramas tecidas com elementos tão clássicos, à espera, talvez, de que essa mesma escola lhes aponte uma possibilidade que sirva de diálogo entre as duas esferas, da cultura e da vida.

Ao que parece, o caminho inverso, por meio do qual ele, o sujeito-leitor-juvenil, aponta não uma, sim múltiplas possibilidades revela-se mais latente em ‘tomadas de consciência’ — e evoco mais uma vez Bakhtin, dessa vez, ao tratar da interação verbal em *Marxismo e Filosofia da Linguagem* — as quais ideológicas, implicadas em ‘discurso interior, entoação interior e estilo interior’. É, por sua vez, essa tomada de consciência por parte do sujeito-juvenil-leitor que se faz ouvir, ou ler, em expressões exteriores; além do que, é o contexto social imediato que determina quais serão seus ouvintes-leitores, como bem disse a voz bakhtiniana teórica em questão.

E onde os recontos de suas experiências com a literatura de sua preferência sobrevivem? Tantas vezes, em “quartos fechados” na rede mundial de computadores, por meio de blogs, fanfictions, redes sociais: movimento claro, convencional, naquele mesmo capítulo sobre interação, como *atividade mental do eu* e *atividade mental do nós*. Como a *atividade mental do eu* perde sua modelagem ideológica e, por conseguinte, sua consciência, é a *atividade mental do nós* que “permite diferentes graus e diferentes modelagens ideológicas”. Essa Transcrição Febril... de sua própria criação, ainda que apropriada da criação alheia, dependendo do contexto social no qual se desenvolveu o enlace entre a obra e o dedicado leitor, estampará em narrativas contínuas, crônicas, poemas, artigos, frases curtas, de coloração específica e forma de enunciação de contornos definidos pela situação. Essa Transcrição Febril não tem precedentes na história do culto literário, guardadas as devidas proporções; sim, dada a evidência singular que define como a *atividade mental do nós* no Século atual é,

particularmente, potencialmente ampliada e responsiva ao movimento enérgico e veloz das saletas da web, ou dos campos recriados para a identidade imediata das comunidades. Cabe ainda, a respeito de como essa resposta ao conjunto de leitores acontece, frisar que entre as décadas de 60 e 90, do Século passado, outras comunidades acolheram os famintos leitores da época em Clubes do Livro, Rodas (escolares) de Leitura e Cirandas Literárias, entre outros círculos.

Nas comunidades atuais, como o CHB, já mencionado, os sujeitos que as constituem experimentam a literatura junto ao outro, em um movimento que recupera o contexto entre falante e ouvinte, os quais invertem as posições continuamente, essencialmente, porque esses são do mundo; sujeitos que só se constituem sujeitos com o outro. Eles também estão nas escolas, sentados em bancos escolares, prontos a porem em prática as suas ideias, que talvez até os levem a provar singularmente uma Capitu machadiana, deslumbrante de olhos ressacados e dissimulados, um Brás autor-defunto, defunto-autor, morto, acompanhado ao seu último território por onze questionáveis amigos... Quem poderá dizer que não?!?!?! O que podemos dizer é que esse movimento contínuo de conhecimento alheio pode ser propiciado, ou iniciado, pelo Professor-Jano, desses que, pode até ser o detentor da chave que abre a porta, mas que pode muito bem convidar esse leitor-aluno a girá-la dentro da fechadura, para definir-se proprietário de si e do mundo literário que o cerca... Também. Aberta a passagem, sabe-se lá com o que tenhamos a ousadia em lidar. Fechada, jamais saberemos.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. Teoria do Romance I: A estilística / Mikhail Bakhtin; tradução, prefácio, notas e glossário de Paulo Bezerra; organização da edição russa de Serguei Botcharov e Vadim Kójinov. — São Paulo: Editora 34, 2015 (1ª Edição). 256 p.

BULFINCH, Thomas, 1796 – 1867. O Livro de Ouro da Mitologia: (a idade da fábula): histórias de Deuses e heróis / Thomas Bulfinch; tradução de David Jardim Júnior. — 13ª ed. — Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

CARRANO, Paulo. Territórios Juvenis. Acesso em 26 de outubro de 2016: http://www.emdialogo.uff.br/sites/default/files/territorios_juvenis.pdf

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador.** Conversações com Jean Lebrun/ Roger Chartier – São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Editora UNESP, 2009 [1998].

GARCIA CANCLINI, Néstor. Culturas híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade / Nestór Garcia Canclini; tradução Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa; tradução da introdução Gênese Andrade. 4 ed. 1. reimp. — São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. — (Ensaio Latino-americanos, 1)

HALL, Stuart. **A IDENTIDADE CULTURAL NA PÓS-MODERNIDADE - A identidade cultural na pós-modernidade, DP&A Editora, 1ª edição em 1992, Rio de Janeiro, 11ª edição em 2006, 102 páginas, tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro.**

MOITA LOPES, Luiz Paulo. Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar / Branca Fabrício... {et al.}; organizador Luiz Paulo da Moita Lopes. — São Paulo: Parábola Editorial, 2006. — (Lingua[gem]; 19).

VOLOCHÍNOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem.** 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006. 203 p.